

Manifesto do Coletivo Combahee River*

Resumo:

O Coletivo Combahee River foi um grupo feminista negro sediado na cidade de Boston. Seu nome advém da ação guerrilheira inventada e dirigida por Harriet Tubman em 02 de junho de 1863, na região de Port Royal do estado de Carolina do Sul. Esta ação, que liberou mais de 750 pessoas escravizadas, é a única campanha militar dirigida e planejada por uma mulher na história estadunidense.

Palavras-chave: Coletivo Combahee River; mulheres negras; feminismo negro.

Manifest of the Combahee River Collective

Abstract:

The Combahee River Collective was a black feminist group headquartered in the city of Boston. Its name came from a guerrilla action inspired and led by Harriet Tubman on June 2 1863, in the Port Royal region of South Carolina. This action, which liberated more than 750 enslaved people, was the only military campaign led and planned by a woman in U.S. history.

Keywords: Combahee River Collective; black women; black feminism.

Somos um coletivo de feministas negras que se reúnem desde 1974¹. Desde então, estamos envolvidas no processo de definição e esclarecimento de nossa política e, ao mesmo tempo, fazemos nosso trabalho político em nossos grupos, em aliança com outras organizações e movimentos progressistas.

A definição mais geral de nossa política seria que estamos ativamente comprometidas na luta contra a opressão racial, sexual, heterossexual e de classe, e consideramos como nossa tarefa particular o desenvolvimento de uma análise e uma prática integradas pelo fato de que os principais sistemas de opressão estão interligados.

* Tradução de Claudete Pagotto e Célia Motta. Revisão de Renata Gonçalves. Este Manifesto foi publicado pela primeira vez em 1979 na coletânea organizada por Zillah Eisenstein, *Capitalist Patriarchy and the Case for Socialist Feminism*, pela Monthly Review Press. Foi publicado também em espanhol, em 1988, no Compêndio dirigido por Gloria Anzaldúa e Cherrie Moraga, *This Bridge Called My Back*; e depois, em 1989, por Cherrie Moraga e Ana Castillo (orgs). *Esta puente, mi espalda. Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. San Francisco: Ism Press Editorial. O Manifesto foi traduzido para o francês pela revista feminista *Cahiers du Cedref*, Paris, n. 14, 2006. Recentemente, na Argentina, a *Herramienta: Revista de debate y crítica marxista* também o publicou.

¹ Esta declaração data de abril de 1977 – Nota do texto original.

A síntese dessas opressões cria as condições em que vivemos. Como mulheres negras, vemos o feminismo negro como o movimento político lógico para combater as múltiplas e simultâneas opressões que todas as mulheres de cor² enfrentam.

Neste texto, vamos discutir quatro tópicos principais: (1) a gênese do feminismo negro contemporâneo; (2) o que acreditamos, ou seja, nosso domínio político específico; (3) os problemas na organização de feministas negras, incluindo uma breve *Herstory*³ de nosso coletivo; e (4) questões e práticas do feminismo negro.

A gênese do feminismo negro contemporâneo

Antes de apresentar o recente desenvolvimento do feminismo negro, gostaríamos de afirmar que encontramos nossas origens na realidade histórica da contínua luta de vida e morte de mulheres afro-americanas pela sobrevivência e libertação. A relação extremamente negativa das mulheres negras com o sistema político americano (um sistema dominado pelo homem branco) sempre foi determinada pela nossa composição em duas castas raciais e sexuais oprimidas. Como Angela Davis aponta em *Reflexões sobre o papel da mulher negra na comunidade de escravos*, as mulheres negras sempre incorporaram, ainda que só em suas manifestações físicas, uma postura adversária às leis masculinas brancas e têm resistido ativamente nas incursões em suas comunidades de maneiras tanto dramáticas como sutis. Mulheres ativistas negras sempre existiram – algumas conhecidas, como as norte-americanas⁴ Sojourner Truth, Harriet Tubman, Frances E. W. Harper, Ida B. Wells Barnett e Mary Church Terrell, e outras milhares desconhecidas – que compartilharam a consciência de como a identidade sexual articulada com a identidade racial transforma a condição de vida como um todo e passa a ser esse o centro das suas lutas políticas. O feminismo negro contemporâneo é o

³ NT: *Herstory* tem sido utilizada pelas feministas com o significado de “História Dela” (ou História de Mulher), para indicar a recuperação da “própria história”.

⁴ Sojourner Truth (Nova Iorque, 1791-1883): abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, lembrada especialmente pelo célebre discurso *Ain't I a Woman?* (*Eu não sou mulher?*). Harriet Tubman (Maryland, 1822-1913): escapou da escravidão e ajudou mais de 300 pessoas escravizadas a fugirem rumo à liberdade pelos chamados “Trilhos Subterrâneos”, uma rede de rotas e abrigos para negros. Frances E. W. Harper (Maryland, 1825-1860): abolicionista, sufragista, poetisa popular, professora, oradora e escritora, é considerada “a mãe do jornalismo afro-americano”. Ida B. Wells Barnett (Mississippi, 1862-1931): jornalista, conferencista e liderança dos direitos civis; participou da fundação da NAACP (Associação nacional para o assalariamento da gente de cor) e fundou a primeira organização de mulheres sufragistas. Mary Church Terrell (Memphis, 1863-1954): uma das primeiras mulheres afro-americanas a obter diploma universitário e a lecionar na primeira escola pública afro-americana (Washington); professora, autora, sufragista e defensora dos direitos civis; organizou mulheres negras nas lutas contra o racismo e o sexismo e fundou a Associação Nacional de Negras em 1896. Michele Wallace (Nova Iorque, 1952-2001): líder intelectual afro-americana, professora, escritora sobre arte, cinema e cultura popular.

resultado de inúmeras gerações do sacrifício pessoal, da militância e do trabalho das nossas mães e irmãs.

Uma presença feminista negra se desenvolveu mais claramente em conexão com a segunda onda do movimento das mulheres Americanas a partir do final dos anos 1960. As negras, outras terceiro-mundistas e trabalhadoras estiveram envolvidas no movimento feminista desde o seu início, mas forças reacionárias exteriores como o racismo e o elitismo no interior do movimento serviram para obscurecer nosso engajamento. Em 1973, as feministas negras, principalmente as de Nova York, sentiram a necessidade de formar a sua própria organização. Com isso, formaram a Organização Nacional das Feministas Negras (NBFO).

A política feminista negra tem ainda uma evidente conexão com os movimentos negros de libertação, particularmente os das décadas de 1960 e 1970. Muitas de nós éramos ativistas naqueles movimentos (Direitos Civis, nacionalismo negro, os Panteras Negras) e as nossas vidas foram fortemente afetadas e transformadas por suas ideologias, seus objetivos, e as táticas usadas para alcançar esses objetivos. Foi a nossa experiência e desilusão dentro desses movimentos de libertação, bem como a experiência na periferia da esquerda masculina branca, que nos levou à necessidade de desenvolver uma política antirracista, ao contrário das mulheres brancas, e antissexista, ao contrário dos homens negros e brancos.

Há, inegavelmente, uma origem pessoal para o feminismo negro, isto é, o reconhecimento político que emerge das experiências aparentemente individuais da vida das mulheres negras. feministas negras e muitas outras mulheres negras, que não se definem como feministas, têm vivenciado uma constante opressão sexual como um fator constante em nossa nosso cotidiano. Quando crianças, percebemos que éramos diferentes dos meninos pela forma diferente que nos tratavam. Por exemplo, nos diziam ao mesmo tempo para ficarmos em silêncio para que pudéssemos ser vistas como “damas” e nos tornássemos menos questionáveis aos olhos dos brancos. Quando crescemos, percebemos a ameaça de abuso físico e sexual por parte dos homens. No entanto, não tínhamos como conceituar o que era tão obvio para nós que sabíamos o que estava realmente acontecendo.

As feministas negras muitas vezes falam sobre seus sentimentos de loucura antes de tomarem consciência dos conceitos sobre a política da sexualidade, do domínio patriarcal e, o mais importante, o feminismo, a análise política e prática que nós mulheres usamos para lutar contra a nossa opressão. A política racial e claramente racismo são fatores que penetram em nossas vidas e não nos permite a nós nem à maioria das mulheres negras, olhar mais profundamente em nossas próprias experiências e, a partir dessa consciência cada vez mais desenvolvida e compartilhada, construir uma política que transformará nossas vidas e inevitavelmente acabará com a nossa opressão.

Nosso desenvolvimento também deve estar vinculado à posição econômica e a política contemporânea do povo negro. A geração da segunda guerra mundial da juventude negra foi a primeira capaz de participar minimamente de certas opções educacionais e de emprego, anteriormente fechadas completamente aos negros. Embora a nossa posição econômica ainda esteja na base da economia capitalista americana, poucas de nós tem conseguido obter os conhecimentos que nos permitem combater de forma mais eficaz a nossa opressão.

Uma combinação de posições antirracista e antissexista nos reuniu inicialmente e, enquanto nos preparamos politicamente, enfrentamos o heterossexismo e a opressão econômica sob o capitalismo.

O que acreditamos

Acima de tudo, nossa política surgiu da crença comum de que as mulheres negras são intrinsicamente valiosas, que a nossa libertação é uma necessidade não como uma assistência a outra pessoa, mas devido à nossa necessidade de autonomia como pessoas humanas. Isto pode parecer óbvio o suficiente para soar simplista, mas é evidente que nenhum outro movimento ostensivamente progressista considerou nossa opressão específica como uma prioridade ou trabalhou seriamente para pôr fim a essa opressão. Basta observar os estereótipos pejorativos atribuídos às mulheres negras (por exemplo, Mammy, matriarca, Sapphire, prostituta, bulldagger), sem catalogar o tratamento cruel e muitas vezes assassino que recebemos, que indicam o pouco valor que foi dado às nossas vidas durante quatro séculos de escravidão no hemisfério ocidental. Percebemos que as únicas pessoas que se importam conosco e trabalham consistentemente pela nossa libertação, somos nós. Nossa política nasce do nosso forte amor próprio, por nossas irmãs e por nossa comunidade, o que nos permite continuar nossa luta e trabalho.

Esta abordagem sobre a nossa própria opressão é incorporada no conceito de política de identidade. Acreditamos que a política mais profunda e potencialmente mais radical deve se basear diretamente na nossa própria identidade, e não no trabalho de acabar com a opressão do outro.

No caso das mulheres negras este conceito é especialmente repugnante, perigoso, ameaçador e, portanto, revolucionário, porque é óbvio ver em todos os movimentos políticos anteriores que qualquer outra pessoa merece a libertação mais do que nós. Rejeitamos pedestais, ser rainhas, e ter que andar dez passos atrás. Ser reconhecida como humana, igualmente humana, é suficiente.

Acreditamos que a política sexual sob o patriarcado se insere na vida das mulheres negras como as políticas de classe e raça. Nós também achamos difícil

separar a opressão racial da classista e da opressão sexual, porque em nossas vidas as três são experiências simultâneas.

Sabemos que não existe uma coisa como a opressão racial-sexual que não seja nem somente racial ou somente sexual; por exemplo, a história da violação das mulheres negras por homens brancos como uma arma de repressão política.

Apesar de sermos feministas e lésbicas, somos solidárias com os homens negros progressistas e não defendemos o fracionamento que as mulheres brancas separatistas exigem.

Nossa situação como povo negro requer que sejamos solidários, pelo fato de sermos da mesma raça, que as mulheres brancas provavelmente não precisam ter com os homens brancos, a menos que seja a sua solidariedade negativa como opressores raciais. Lutamos juntos com homens negros contra o racismo, mas também lutamos com homens negros sobre o sexismo.

Percebemos que a libertação de todos os povos oprimidos requer a destruição dos sistemas político-econômicos do capitalismo e do imperialismo, bem como a do patriarcado. Somos socialistas porque acreditamos que o trabalho deve ser organizado para o benefício coletivo daqueles que trabalham e criam os produtos, e não para o lucro dos chefes. Os recursos materiais devem ser distribuídos igualmente entre os que criam esses recursos. No entanto, não estamos convencidas de que uma revolução socialista que não seja também uma revolução feminista e antirracista garantirá a nossa libertação. Chegamos à necessidade de desenvolver uma compreensão das relações de classe que considera a posição específica de classe das mulheres negras, que geralmente estão à margem da força de trabalho, ainda que algumas de nós sejam duplamente percebidas como símbolos desejáveis nos níveis civil e profissional.

Precisamos verbalizar a real situação de classe das pessoas, que não são apenas trabalhadores sem raça, sem sexo, mas para quem a opressão racial e sexual é determinante para a produção econômica de suas vidas. Embora concordemos com a teoria de Marx sobre as relações econômicas específicas, sabemos que sua análise deve ser ampliada para que possamos entender a especificidade da nossa situação econômica como mulheres negras.

Uma contribuição política que sentimos que já realizamos é a ampliação do princípio feminista de que o “pessoal é político”. Em nossas sessões de conscientização, por exemplo, de muitas maneiras vamos além das revelações das mulheres brancas, porque estamos tratando das implicações de raça e de classe, tanto quando as de sexo. Mesmo o estilo das nossas mulheres negras de

falar/testemunhar em língua negra sobre o que temos experimentado tem uma ressonância que é cultural e política. Nós gastamos uma grande quantidade de energia que investiga a natureza cultural e experiencial de nossa opressão fora da necessidade porque estes assuntos nunca foram estudados antes. Ninguém havia examinado antes o tecido complexo da vida das mulheres negras.

Um exemplo desse tipo de revelação/conceituação ocorreu na reunião em que discutimos como nossos interesses intelectuais iniciais haviam sido atacados por nossos pares, particularmente os homens negros.

Descobrimos que por sermos “inteligentes” também nos consideravam “feias”, isto é, “inteligente-feia”. Ser “inteligente-feia” deixou claro que fomos obrigadas a desenvolver nossos intelectos com grande custo de nossas vidas “sociais”. As sanções nas comunidades negras e brancas sobre as pensadoras negras são muito elevadas em comparação com mulheres brancas, particularmente mulheres educadas de classe média e alta.

Como já dissemos, rejeitamos a posição do separatismo lésbico porque não é uma estratégia nem uma análise política viável para nós. Ela exclui pessoas, particularmente homens negros, mulheres e crianças negras. Temos uma grande crítica e aversão sobre como os homens devem ser nesta sociedade: o que apoiam, como eles agem, e como oprimem. Mas não temos a noção descabida de que isso ocorre por ele ser homem, e dizer que sua anatomia masculina os fazem como são. Como mulheres negras, sabemos que qualquer tipo de determinismo biológico é uma base perigosa e reacionária sobre a qual se constrói uma política. Devemos também questionar se o separatismo lésbico é uma análise e uma estratégia política adequada e progressista, mesmo para aqueles que a praticam, uma vez que só admitem as fontes sexuais da opressão das mulheres, negando as origens de classe e raça.

Problemas na organização de feministas negras

Durante nossos anos juntos como um coletivo feminista negro, experimentamos sucesso e derrota, alegria e dor, vitória e fracasso. Descobrimos que é muito difícil se organizar em torno das questões feministas negras, até mesmo para anunciar em certos contextos que somos feministas negras. Nós tentamos pensar sobre as razões de nossas dificuldades, particularmente desde que o movimento das mulheres brancas continua a ser forte e a crescer em muitas direções. Nesta seção discutiremos algumas das razões gerais para os problemas de organização que enfrentamos e falaremos especificamente sobre as etapas na organização de nosso coletivo.

A principal fonte de dificuldade em nosso trabalho político é que não estamos tentando lutar contra uma ou duas frentes de opressão, mas buscamos uma série de opressões. Nós não temos o privilégio racial, sexual, heterossexual ou de classe, nem o mínimo acesso aos recursos e ao poder dos grupos privilegiados.

O desgaste psicológico de ser uma mulher negra e as dificuldades que isto representa para se alcançar a consciência política e fazer o trabalho político nunca pode ser subestimado. Há um valor muito baixo colocado sobre a psique das mulheres negras nesta sociedade, que é racista e sexista. Uma participante do grupo disse certa vez, “Todas somos pessoas sofridas somente pelo fato de sermos mulheres negras”. Somos despossuídas psicologicamente em todo nível, e ainda sentimos a necessidade de lutar para mudar a condição de todas as mulheres negras. Em *A busca feminista negra pela Irmandade*, Michele Wallace chega a esta conclusão:

Nós existiremos como mulheres que são negras que são feministas, cada um à deriva para o momento, trabalhando de forma independente porque não há ainda um ambiente nesta sociedade remotamente adequada para a nossa luta - porque, estando na base teríamos que fazer o que ninguém mais fez: teríamos que lutar contra o mundo⁵.

Wallace é pessimista, mas realista em sua avaliação da posição das feministas negras, particularmente em sua alusão ao quase clássico isolamento que todas enfrentamos. Poderíamos usar nossa posição na base, para dar um salto claro em ação revolucionária. Se as mulheres negras fossem livres, significaria que todos os outros teriam que ser livres, já que a nossa liberdade exigiria a destruição de todos os sistemas de opressão.

O feminismo é, apesar de tudo, muito ameaçador para a maioria dos negros, porque questiona suposições mais básicas sobre nossa existência, ou seja, que o sexo deve ser um determinante das relações de poder. Aqui está a maneira como os papéis masculinos e femininos foram definidos em um panfleto nacionalista negro do início da década de 1970:

Entendemos que é e tem sido tradicional que o homem é o chefe da casa. Ele é o líder da casa/nação porque seu conhecimento do mundo é mais amplo, sua consciência é maior, sua compreensão é mais completa e sua aplicação desta informação é mais sábio... Afinal, é apenas razoável que o homem seja o chefe

⁵ Wallace, Michele. *A Black Feminist's Search for Sisterhood*, *The Village Voice*, 28 de julho de 1975, p. 6-7.

da casa, porque ele é capaz de defender e proteger o desenvolvimento de sua casa... As mulheres não podem fazer as mesmas coisas que os homens -elas são feitas por natureza para funcionarem de forma diferente. A igualdade entre homens e mulheres é algo que não pode acontecer mesmo no mundo abstrato. Os homens não são iguais a outros homens, ou seja, capacidade, experiência ou mesmo entendimento. O valor de homens e mulheres pode ser visto como no valor de ouro e prata -eles não são iguais, mas ambos têm grande valor. Devemos perceber que os homens e as mulheres são um complemento para o outro, porque não há casa/família sem um homem e sua esposa. Ambos são essenciais para o desenvolvimento de qualquer vida⁶.

As condições materiais da maioria das mulheres negras dificilmente os levariam a perturbar os arranjos econômicos e sexuais que parecem representar alguma estabilidade em suas vidas. Muitas mulheres negras têm uma boa compreensão do sexismo e do racismo, mas por causa das restrições diárias de suas vidas, não podem arriscar lutando contra ambos.

A reação dos homens negros ao feminismo é notoriamente negativa. Eles se sentem mais ameaçados do que as mulheres negras, devido à possibilidade de nos organizarmos de acordo com nossas próprias necessidades. Eles percebem que podem perder aliadas valiosas e trabalhadoras, mas também podem ser forçados a mudar suas formas habitualmente sexistas de interagir e oprimir as mulheres negras. Acusações de que o feminismo negro divide a luta negra são poderosas dissuasões para o crescimento de um movimento autônomo de mulheres negras.

Ainda assim, centenas de mulheres participaram ativamente em diversos momentos dos três anos de existência do nosso grupo. Cada mulher negra veio pela forte necessidade de alcançar o que não existia anteriormente em sua vida.

Quando começamos a reunião no início de 1974, após a primeira conferência regional do leste da NBFO, não tínhamos uma estratégia de organização, nem mesmo um foco. Só queríamos ver o que tínhamos. Após um período de meses sem reunião, no final do ano voltamos a nos encontrar e a desenvolver uma intensa e variada consciência. Tivemos a sensação esmagadora que tivemos é que, depois de anos e anos, finalmente havíamos nos encontrado. Embora não estivéssemos fazendo o trabalho político como um grupo, algumas continuaram seu envolvimento na política lésbica, abuso de esterilização e trabalho de direitos de aborto, as atividades do terceiro mundo mulheres do dia internacional da

⁶ Mumininas of Committee for Unified Newark, Mwanamke Mwananchi (A mulher nacionalista), Newark, N.J., ©1971, p. 4-5.

mulher, e a atividade de apoio para as provações dos casos⁷ Dr. Kenneth Edelin, Joan Little e Inéz García.

Durante o nosso primeiro verão, quando o número de membras havia abaixado consideravelmente, nós que permanecemos nos dedicamos a discutir a possibilidade de abrir um refúgio para mulheres agredidas em uma comunidade negra. (Não havia nenhum refúgio em Boston naquele tempo).

Nós também decidimos fazer um coletivo independente, já que tivemos sérias discordâncias com a postura burguesa-feminista da NBFO e sua falta de um foco político claro.

Nessa época, também fomos contatadas por feministas socialistas, com quem tínhamos trabalhado em atividades pelo direito ao aborto, e que queriam nos incentivar a participar da Conferência Feminista Nacional Socialista em Yellow Springs. Uma dos nossos membros assistiu à conferência e, apesar da estreiteza da ideologia apresentada, ficamos mais conscientes da necessidade de compreender a própria situação econômica e de fazer a nossa própria análise econômica.

No outono, quando alguns membros retornaram, experimentamos meses de inatividade e de discordâncias internas que foram consideradas pela primeira vez uma separação de Lésbicas e heterossexuais, mas que também foi resultado das diferenças políticas e de classe.

Durante o verão, aquelas que ainda estavam reunidas determinaram a necessidade de fazer o trabalho político, e de ir para além da consciência de servir apenas um grupo de apoio emocional.

No início de 1976, quando algumas das mulheres que não queriam fazer trabalho político e que também tinham expressado discordâncias pararam de comparecer por sua própria vontade, buscamos um enfoque para nossas ações. Decidimos naquele momento, com a entrada de novos membros, formar um

⁷ Kenneth Carlton Edelin (Washington, 1939-2013) foi um médico americano que apoiava o direito ao aborto e a assistência médica a pacientes indigentes. Em 1975, ele foi processado pelo deputado estadual Newman A. Flanagan e condenado pela realização de um aborto no Hospital da Cidade de Boston. Seu caso foi tema do livro *O bebê na garrafa* (*The Baby in the Bottle*), de William A. Nolen, publicado em 1978.

Joan Little (Carolina do Norte: 1953-1974), ao resistir a um atentado de estupro, esfaqueou o carcereiro Clarence Allgood da Cadeia Municipal, apoiada pelo movimento de mulheres e ativistas como Angela Davis e Rosa Parks. Foi a primeira mulher a ser absolvida de assassinato em autodefesa contra um ataque sexual.

Inez García (Nova Iorque, 1941-2003), de origem hispânica, foi acusada pelo assassinato de Miguel Liménez, em 1975. O Comitê de Defesa de Inez Garcia divulgou o caso, mas Inez só foi absolvida em segundo julgamento, em decisão favorável ao direito da mulher de reagir contra a agressão sexual. Seu caso inspirou obras de arte e músicas, como a canção folclórica *Inez*, de Beverly Grant, apresentada pelo grupo The Human Condition, junto com o poema *For Inez Garcia*, de Marge Piercy.

grupo de estudo. Tínhamos sempre compartilhado nossa leitura e algumas tinham escrito artigos sobre feminismo negro para discussão em grupo, alguns meses antes desta decisão ser tomada. Começamos a funcionar como um grupo de estudo e a discutir a possibilidade de começar uma publicação feminista negra.

Fizemos um retiro no final da primavera, que deu um tempo para a se discutir política e resolver questões interpessoais. Atualmente estamos planejando reunir uma coleção de textos de feministas negras.

Sentimos que é absolutamente essencial demonstrar a realidade da nossa política a outras mulheres negras e que podemos fazer isto pela escrita e distribuição do nosso trabalho. O fato de que as feministas negras vivem em isolamento em todo o país, de que somos poucas, e que temos algumas habilidades na escrita, impressão e publicação nos faz querer realizar esses tipos de projetos, como um meio de organizar feministas negras e a fazer o trabalho político em coalizão com outros grupos.

Questões e projetos feministas negros

Durante esse tempo juntas, identificamos e trabalhamos muitas questões de particular relevância para as mulheres negras. O desdobramento geral de nossa política é preocupante para a situação das mulheres, pessoas do Terceiro Mundo e trabalhadores. Estamos claramente empenhadas em batalhar nessas lutas em que a raça, sexo e classe são fatores simultâneos de opressão. Nós poderíamos, por exemplo, nos envolver na organização sindical de fábricas que empregam mulheres do terceiro mundo ou protestar contra hospitais que cortam seus serviços de saúde, já bastante insuficientes às comunidades do terceiro mundo, ou então criar um centro para vítimas de estupro em um bairro negro. Os problemas do bem-estar social (programas estatais) e de creches também podem ser pontos de trabalho. O trabalho a ser feito e as inúmeras questões que este trabalho representa apenas refletem os aspectos de nossa opressão que se encontra em toda parte.

Os temas e projetos que os membros dos coletivos têm realmente trabalhado são o a esterilização forçada, direitos ao aborto, mulheres agredidas, estupro e cuidados de saúde. Nós também fizemos muitas oficinas e atividades educativas sobre o feminismo negro em universidades, em conferências femininas, e mais recentemente para as mulheres do ensino médio.

Uma muito preocupante e que começamos a discutir publicamente é o racismo no movimento das mulheres brancas. Como feministas negras, constatamos o pouco esforço que as mulheres brancas fazem para entender e combater o seu próprio racismo, o que requer dentre outras coisas que elas tenham uma

compreensão mais do que superficial de raça, da cor, da história e da cultura negra. Eliminar o racismo no movimento das mulheres brancas é por definição trabalho que as mulheres brancas devem fazer, mas vamos continuar a falar e a exigir essa responsabilidade.

Na prática de nossa política, não acreditamos que o fim sempre justifica os meios. Muitos atos reacionários e destrutivos foram cometidos para se obter políticas “corretas”. Como feministas, não queremos mexer com as pessoas em nome da política. Acreditamos no processo coletivo e uma distribuição não hierárquica de poder dentro de nosso próprio grupo e em nossa visão de uma sociedade revolucionária. Estamos comprometidos a um exame contínuo de nossa política e como se desenvolvem através de críticas e autocríticas como um aspecto essencial de nossa prática. Em sua introdução ao *Sisterhood is Powerful* (A sororidade⁸ é poderosa) Robin Morgan escreve:

Eu não tenho a menor noção do apelo revolucionário que os homens heterossexuais brancos poderiam cumprir, uma vez que eles são a própria personificação do poder em que os interesses reacionários lhes são investidos.

Como feministas negras e lésbicas, sabemos que temos uma tarefa definitivamente revolucionária a realizar e estamos prontas para a vida inteira de trabalho e de luta que temos diante de nós.

⁸ Sororidade é considerado a versão feminina do termo fraternidade (sem julgamentos prévios ou estereótipos criados pela sociedade patriarcal).